Diário de bordo – Oficina de Educação Superior – Júlia Benfica Senra

8/10/2020

O início da disciplina, com suas sugestões prévias de atividades e leituras, me trouxe ansiedade. Depois fui acalmando e me organizado para tentar realizá-las. O exercício da autobiografia foi um desafio, como sempre é se descrever ou se abrir para o(a) outro(a). Por coincidência, ou não, a imagem do barco navegante em mar aberto fez sentido para refletir sobre minha experiência em relação ao ensino superior. As primeiras leituras propostas me trouxeram um misto de nostalgia, por ter estudado na UnB, e por pensar na minha história de vida e ânimo pelo o que quero vivenciar e compartilhar na minha vida acadêmica e fora dela. Além disso, me trouxeram provocações sobre as relações entre história de vida, universidade, decolonialidade, compreensão e dialogia. Minha leitura do programa da disciplina para anotação de dúvidas e sugestões me trouxe as impressões de ter gostado dos objetivos e da justificativa, mas a descrição de conteúdos me pareceu sucinta e gerou uma incerteza sobre o que será visto. Achei confusa a denominação “Aula/período 1 (antes do dia 08/10)” mas deu para entender, também achei confusas outras partes: “Aula 2 - Prova 1.” e “Aula/período 4 (antes do dia 15/10)”. O vídeo de fechamento do Simpósio da Oca de 2020 foi mencionado duas vezes e não entendi pelo programa como serão os trabalhos escritos e como se constrói a proposta, além de não ter entendido a parte chamada de mapeamento e diagnóstico com os nomes dos(as) estudantes.

15/10/2020

Os preparativos para a aula de hoje foram a leitura do livro do Zabalza sobre “o ensino universitário” e a apresentação em grupo da leitura. A aula foi legal, apresentamos (eu, Matheus e Mariana) o capítulo 4 da leitura e meu grupo se organizou bem. Fiquei triste de ver como se repetem padrões desde a educação básica de grupos que se organizam como indivíduos separados e sem se preocupar em como comunicar com as outras pessoas de maneira didática, fiquei pensando em como melhorar isso como aluna e como professora. Meu grupo formado para o trabalho da disciplina teve a alteração do Matheus pelo Henrique e se propôs a criar uma proposta de curso que será com o tema de silvicultura urbana, espero que seja bacana e que dê para propor algo de sensibilização e visão ecossistêmica da floresta urbana.

22/10/2020

Hoje meu grupo se reuniu (eu, Mariana e Henrique) para conversarmos sobre nosso trabalho na disciplina. A conversa fluiu e fizemos um planejamento de curso de extensão sobre floresta urbana. Utilizamos a ferramenta digital “miro” para esboçar nossas ideias e começar a montar a proposta de curso e seus módulos. Pretendemos criar um curso de 4 finais de semana para a comunidade em geral, combinando uma parte teórica nos sábados e atividades práticas nos domingos. Também escrevemos algumas reflexões, dúvidas e escolhas de leituras para a próxima aula. Nos comprometemos a fazermos algumas leituras e comentários no painel virtual e a nos reunirmos na próxima segunda.

04/11/2020

Hoje nos reunimos em grupo e pensamos sobre os objetivos de aprendizagem da proposta de curso de extensão sobre floresta urbana. Havia sido mencionado na aula anterior que eles não estavam presentes e que as ideias se baseavam mais na floresta urbana do que nas pessoas como educandas. Uma reflexão importante em grupo foi que o papel do(a) educador(a) é propiciar o caminho para que a aprendizagem aconteça e não para que o olhar necessariamente mude.

05/11/2020

A aula de hoje contou com a apresentação de dois grupos sobre suas propostas de curso. Avalio como positiva por possibilitar as abordagens diversas e a aprendizagem coletiva por meio do que foi exposto e discutido. Me pareceu curioso o Matheus ter interpretado o que eu disse sobre todo mundo ter algo a dizer a partir de seus saberes próprios como uma provocação para sempre dizer alguma opinião sobre os assuntos. A pessoa receptora da mensagem é sempre um mistério e esses exemplos demonstram isso. Fiquei bastante reflexiva sobre um exercício de alteridade de respeitar o modo de vida do outro e de pensar o que me cabe e o que cabe às sociedades, aos sistemas e às estruturas em relação às mudanças que eu gostaria e vejo como necessárias. Como diz o Guimarães Rosa: “Querer o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo se querendo o mal, por principiar”. Como estou ansiosa o dia todo, ter exercícios de respiração propostos pelos grupos foi uma boa atividade para dar uma centrada. Fiquei cansada e, desde que pensei sobre isso semana passada, relaciono esse estado físico como gerador de uma certa desesperança. É incômodo com a minha exposição perceber as próprias incoerências, a vontade de agradar, as contradições entre o que penso, digo e faço, e a movimentação interna de novas noções, percepções e novos questionamentos. Enfim, reconheço esse processo humano e me acolho.

09/11/2020

Nos reunimos em grupo para discutir sobre a apresentação. Preenchemos a atividade enviada pelo outro grupo a respeito dos alimentos que consumíamos mais e onde adquiríamos, apesar de uma ou outra diferença, a maioria dentre os escolhidos eram de consumo comum e também os meios de compra se assemelhavam. Eu havia anotado vários pontos a partir das apresentações dos grupos da semana anterior e conversamos um pouco sobre isso com as percepções deles também. Esboçamos um roteiro e começamos a pensar nos slides.

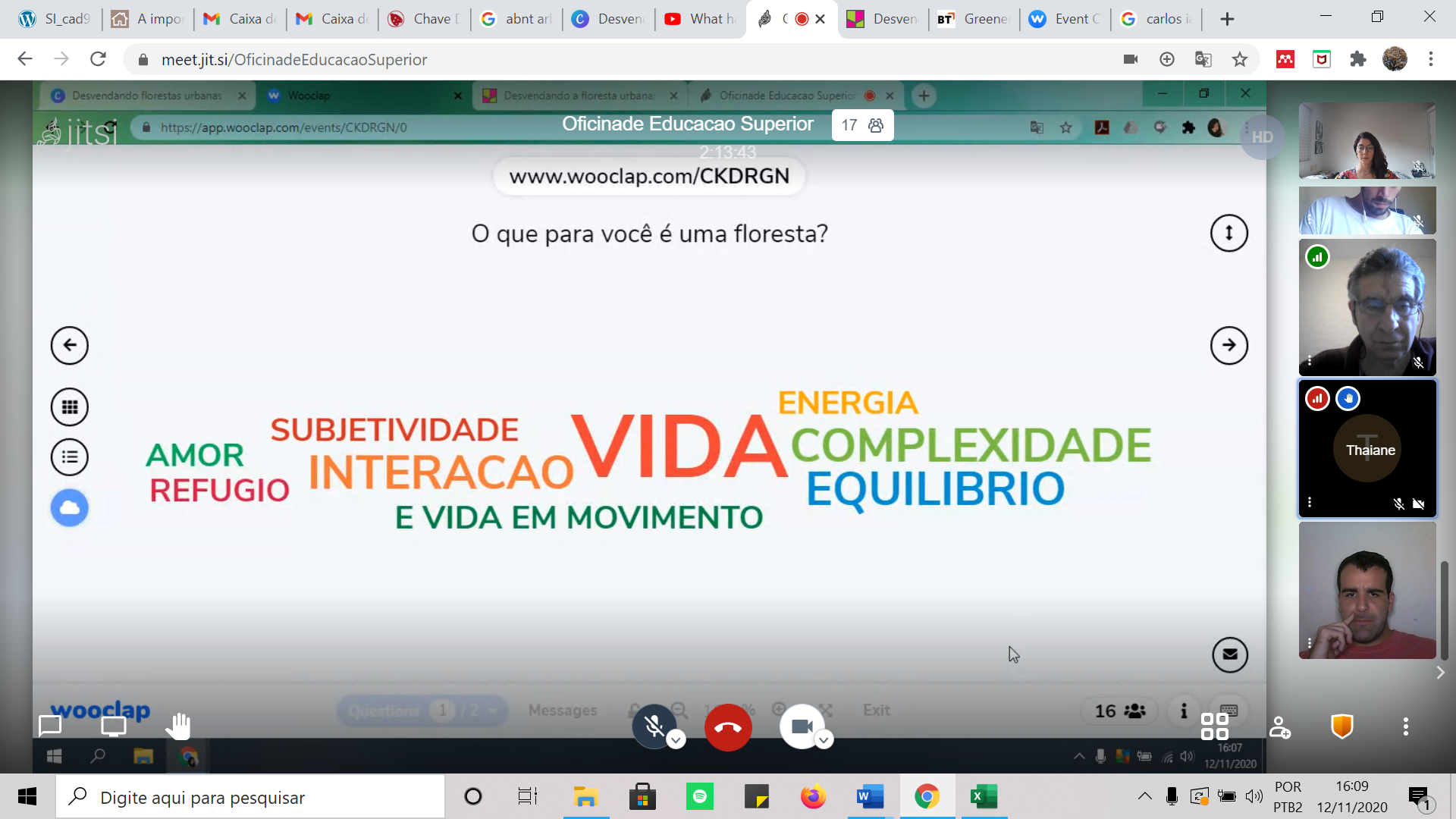
11/11/2020

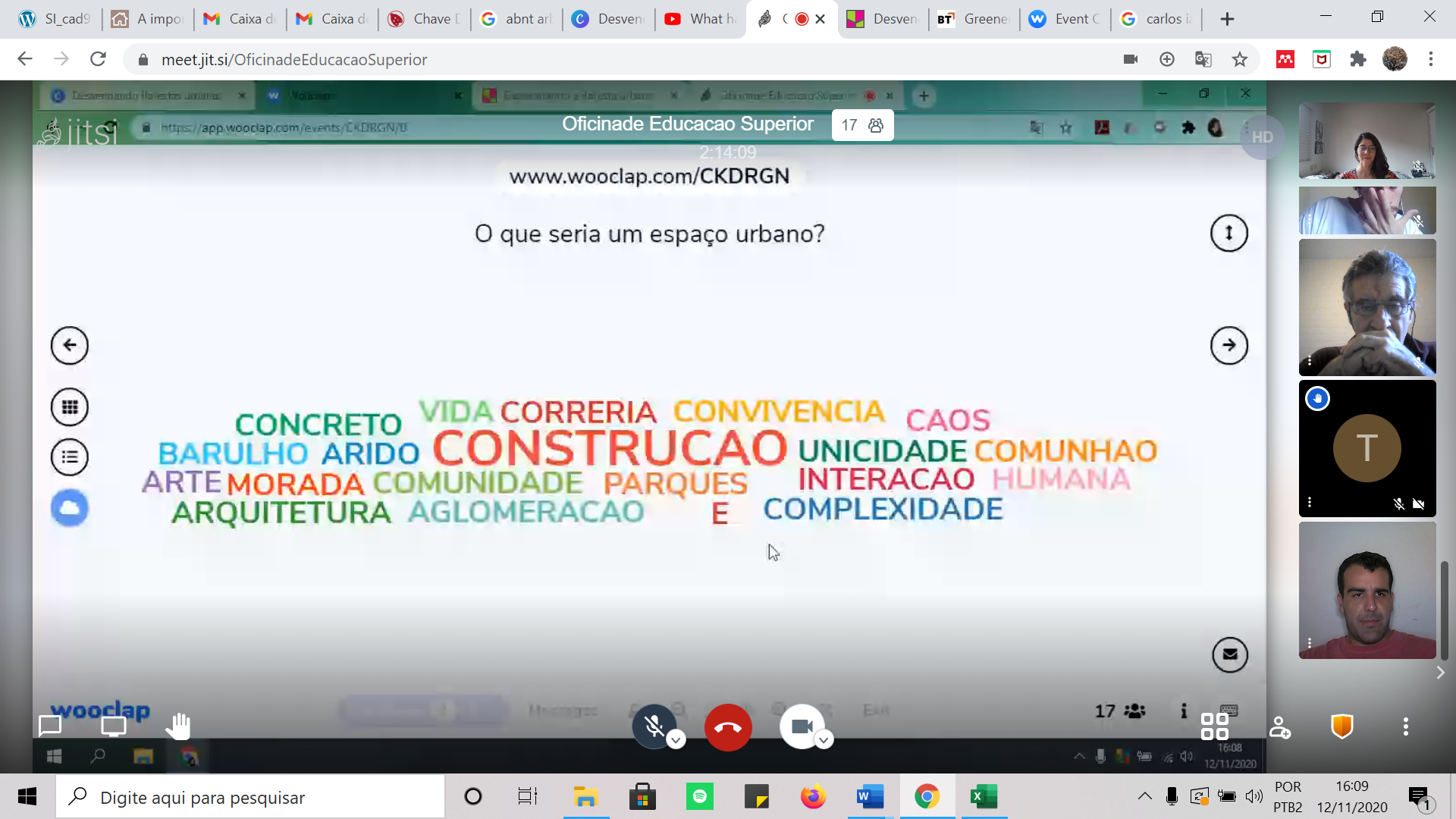
Nos reunimos novamente para estruturarmos nossa apresentação da proposta de curso e nos organizarmos com as falas e as dinâmicas. Os slides ficaram bem bonitos com pessoas nos espaços verdes. Também gostamos dos vídeos propostos, música, e convites de terapia florestal. Problematizei vários pontos ao longo das conversas, talvez isso tenha incomodado um pouco, mas era no intuito de aprimorar a proposta e conseguimos lidar bem com as sugestões de cada um(a). Repassamos as reflexões que haviam sido enviadas no grupo da disciplina para ver se estávamos caminhando nas sugestões propostas e achamos que em grande parte sim.

12/11/2020

Passei a manhã um pouco ansiosa. Felizmente a apresentação do grupo 3 foi bastante dinâmica e interessante. Achei legal terem contextualizado um pouco do tema agroecologia e soberania alimentar, na pergunta que fizeram sobre os hábitos alimentares percebi o quanto o meu é influenciado pela minha família. Também acho legais os compartilhamentos que acontecem no *chat*, como a divulgação de horta que aconteceu, já que não estamos juntos presencialmente é uma maneira de interagir. Gostei bastante da dinâmica de história conjunta e fiquei pensando como que o que cada pessoa adicionou à história tem a ver com a própria pessoa, como eu ter sugerido que o personagem se distraiu com o dia bonito e preferiu mudar os planos, hehe. A presença da convidada Natalia Almeida foi bem legal, pois ela falou com propriedade e de maneira descomplicada sobre assuntos importantes, como a relação dos assuntos da aula com política pública. Gostei de ela ter reforçado como as reivindicações e resistências geram políticas públicas e de ter dado o exemplo da Marcha das Margaridas como ação direta para pressionar a assinatura da política de agroecologia. Ao final não entendi bem a proposta de curso do grupo, mas gostei do dinamismo e dos assuntos abordados.

Meu grupo conduziu as atividades no período da tarde. Após 5 minutos de tolerância demos as boas-vindas e fizemos dois convites, um para chegarem na janela e observarem tudo o que se mexia e depois para passar um tempo com uma planta de casa, contar algo para ela e escutar se ela tinha algo a dizer. Pedimos para resumirem em uma palavra ou frase a experiência. Foi legal ver todo mundo participando e ouvir o que acharam, as palavras foram: tranquilidade; ter planta é bom; fluidez; leveza; curiosidade; calma; tranquilidade e felicidade; luz; vida em movimento. Também compartilharam um pedido de desculpas para plantas que estavam descuidadas e uma resposta de que estavam bem, e uma foto tirada de uma palmeira que estava fora do ambiente para que pudesse olhá-la. Posteriormente pedimos para responderem duas perguntas que formariam nuvens de palavras: O que para você é uma floresta? O que seria um espaço urbano? Passamos um vídeo sobre as diversas interações das florestas urbanas nas cidades e solicitamos que anotassem o que chamasse a atenção. Apesar de curto, me pareceu interessante como o vídeo aborda questões como significado cultural, expansão urbana, crescimento da população, abastecimento de água, agricultura, infiltração, saúde, sombra, temperatura, parques e biodiversidade. Apresentamos a proposta do curso e eu falei sobre a parte de métodos, técnicas, módulos e o primeiro de diagnóstico, sem muita certeza de que havia entendido bem se o que propomos estava coerente com método e técnica para ensino e aprendizagem. Fizemos um café compartilha dividindo a turma em pequenos grupos para conversamos sobre autonomia, bem-estar e qualidade de vida relacionando com o tema de floresta urbana e sistematizamos no *padlet* para posterior apresentação sucinta das discussões. Eu conduzi a conversa sobre qualidade de vida e perguntei o que para cada pessoa significava isso e depois citei o artigo 225 da constituição federal que menciona esse conceito relacionado com meio ambiente e perguntei sobre as impressões em relação a isso. Demos um intervalo e no retorno colocamos a música “a ordem das árvores” da Tulipa Ruiz para as pessoas se acomodarem e entrarem no clima da aula novamente. Mencionamos sobre as palavras que surgiram nas nuvens de palavras do início da aula:





Propusemos a reflexão sobre se a floresta urbana seria a combinação dessas palavras, repassamos o que foi discutido entre os grupos e abrimos para considerações a respeito disso, do vídeo e dos convites anteriores. A Lyvia disse que gostou da aula e perguntou sobre a diferença de floresta urbana e áreas verdes. O Matheus gostou muito e disse como é importante na nossa vida poder olhar para as florestas urbanas e que é importante para refletir. A Martina gostou das atividades, da apresentação e do vídeo, perguntou como que conseguimos promover essa percepção a nível de comunidade e pessoal, e mesmo quando alguém nem sabe que tem carência do verde na cidade. O Marcos fez várias considerações, principalmente sobre o descompasso entre o que falamos e o que está proposto. Ele ressaltou que a impressão é que a intenção é proteger as plantas, mas num projeto educacional a centralidade deve estar no objetivo educacional. Foi mencionado o livro “ensinagem”, pela relação ensino e aprendizagem como uma boa fonte para compreender esse processo. Ele disse para dosarmos as atividades de acordo com os(as) interlocutores e que da maneira como colocamos o objetivo parece um salto enorme até o indivíduo se sentir potente para agir na esfera pública, é preciso trabalhar bem a formação da pessoa para isso. Ele perguntou: como os objetivos específicos contribuem para o objetivo geral? Este dificilmente é atingido somente com o projeto. Talvez pensando para quê ampliar a participação cidadã chegue-se no objetivo de contribuir para a maior autonomia, bem-estar e qualidade de vida. Ele ressaltou três equívocos nos objetivos específicos, não termos seguido a taxonomia do Bloom como mencionamos, porque a proposta dele é educacional e a nossa está técnica; que devemos centrar na finalidade educadora do projeto; e não ter a pretensão de fazer pela pessoa, mas de propiciar que ela faça (contribuir para que quem participe do curso elabore, compreenda, observe, se envolva, problematize a questão da saúde relacionada à cidade) e não superestimar a capacidade do projeto, dentro da perspectiva educadora construtivista. Não devemos usar métodos no plural, mas ter um método para a proposta, mesmo que seja com elementos de métodos distintos. Por exemplo, a avalição de Freinet que sugerimos é uma técnica, que faz parte do método de aprendizagem do autor, bem como o uso de módulos é uma técnica. Ele apontou que estamos buscando uma metodologia qualitativa e sincrética para dar conta dos objetivos, ressaltou que fizemos muitas atividades legais e que deveríamos propiciar mais os relatos de cada pessoa e não querer fazer coisas demais, além de ter mais flexibilidade na proposição dos módulos para não enunciar a priorização da teoria em relação à prática. Pensei que podemos montar os módulos de maneira que as práticas possam ser feitas em qualquer momento e a discussão junto ao grupo. Por fim as(os) colegas avaliaram a aula e tivemos comentários positivos como as sensações provocadas, os grupos menores, a escolha do tema e as ideias para promover a reflexão; e proposições para que pensemos em maneiras de transmitir e incentivar um conteúdo tão "sensível" e baseado em percepções pessoais. Fiquei satisfeita com o trabalho e penso que ainda tenho bastante a aprender sobre a criação de propostas educadoras.

19/11/2020

Os presentes do início da manhã foram bem interessantes, uma música chamada 2020 Volts que adorei o título/refrão e que é super lúcida na crítica social, e um poema da Ana Martins sobre o silêncio, até comentei com o Matheus como ele está afinado nas coisas (boas) de Minas. O Marcos compartilhou o manifesto de estudantes argentinos de um século atrás e questionou porque não se vê mais uma motivação de mudança como essa, talvez seja pelo acúmulo de um século de opressões...

O primeiro grupo apresentou uma proposta de curso para o público rural das APAs Corumbataí e Piracicaba. Achei os objetivos e metodologia mais claros e factíveis e gostei de terem mostrado um plano de aula do curso. As perguntas feitas pelo grupo e o vídeo sobre saneamento rural mostrado me fizeram refletir e ter mais certeza do quanto a privatização do saneamento é uma furada e de como os processos educadores realmente precisam de várias etapas, desde o diagnóstico até o monitoramento, e que é primordial o envolvimento das pessoas, o público precisa querer o curso. Isso me fez questionar a viabilidade de se ter um programa com conteúdos pré-estabelecidos. O Marcos mencionou como a gente se prende ao conteúdo e isso reflete também nas propostas que colocam a teoria antes da prática. Achei interessante ele dizer que o rigor é o diferencial que a academia pode contribuir, mas não estou certa do que pensar sobre isso. Achei legal o grupo ter finalizado pedindo para cada pessoa escolher um objeto que representasse o aprendizado da aula.

O segundo grupo propôs um curso para a comunidade em geral relacionado ao consumismo e o meio ambiente, abordando as práticas individuais incluindo a alimentação. Achei interessante a proposta de relacionar padrões de consumo e consciência ambiental, entretanto os objetivos e a metodologia como foram escritos não me pareceram muito claros e numa perspectiva educadora construtivista, além de não ter tido tempo para discussões. Gostei das atividades propostas, inclusive da construção de uma cartilha pelos participantes, passaram bons vídeos (principalmente as animações) e pensei várias coisas ao longo da aula, como no encontro sobre a economia de Francisco (que propõe uma nova economia), no livro o ecologismo dos pobres, na indústria que foi criada com um pretexto de criar empregos (mesmo que em péssima qualidade) e agora nem isso gera, com a conivência com esse sistema capitalista (e seu perigo mencionado pela Hannah Arendt), na grande porção da alimentação na pegada ecológica do Brasil, em como nós latinos estamos nesse pacote ocidental e imperializado causado pelos EUA e como isso gera “estragos” culturais, como por exemplo na linguagem e na estética, e pensei qual seriam nossas resistências locais e culturais... Além de lembrar de um trecho do livro do Krenak (Ideias para adiar o fim do mundo):

“Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência.”

Ao final fiquei bastante cansada. Reconheci que esta turma é a única com uma cara de turma de todas as disciplinas que fiz virtualmente esse ano. Talvez seja pela dinâmica de presentes e de perguntar como as pessoas estão, de certa forma criou uma unidade e um ambiente de compartilhamentos. Entretanto é muito cansativo ficar o dia inteiro no computador para uma aula, é um esgotamento diferente. Ao mesmo tempo que acho que ter uma rotina e um propósito auxilia a não sucumbir em tempos sombrios como esse, não acho legal a USP ter “tocado” sem considerar sensivelmente a situação, sem se adaptar a cada passo e já sinalizar “novos tempos” ou “novos normais” na mentalidade produtivista e impessoal.

07/12/2020

Levei para a última aula, dia 26/11, dois presentes: a música “de onde vem o baião” do Gilberto Gil e o poema do Fernando Pessoa “Ah, viver em cenário de ficção”. Este por ser da época da gripe espanhola e por me parecer muito atual no que apresenta, dessa realidade fictícia, também achei curioso após a escolha de, sem me dar conta, ter escolhi o Fernando Pessoa para abrir e fechar minhas contribuições na disciplina. A música foi por causa da conversa que assisti entre o Gil e o Krenak e gostei deles falando sobre a essência da vida que ao invés de etérea vem de baixo do barro do chão.

O Professor fez vários comentários sobre alguns pontos, como a importância de em uma aula se propiciar um bom encontro e com isso como se pensar as distinções entre ensino e educação, aulas e oficinas. Pensando nisso também a gente pode refletir sobre as maneiras que propiciam a sustentabilidade da intervenção educadora e buscar uma alquimia de trazer a vida como ela é ao mesmo tempo que a diversidade que advém do acumulado de conhecimentos, com espaço para a inovação e criação de novas soluções. Foi recomendado que a gente revisite os projetos para ver se tem coerência interna e se retrata um fluxo da pedagogia à filosofia. É importante observar se a filosofia está traduzida em objetivo, se o método contempla as atividades para atingi-lo e como se avalia tudo para saber se os procedimentos foram adequados. Uma observação importante foi em relação aos tipos de objetivos possíveis: educacional, de solução de problema ou de pesquisa. Mesmo diferentes eles podem estar articulados. Achei importante a ressalva de se atentar às limitações de promoção do aprendizado, por mais que se queira algo ambicioso é imprescindível conhecer os limites da realidade e da atuação de quem educa. Também fiquei pensando sobre “namorar os objetivos”, me deu vontade de escrever meu objetivo geral da tese em um papel para que eu possa ver fora do computador. Como gosto de etimologia, gostei de saber que metodologia significa estudo do caminho. Fizemos um exercício de avaliar e propor alterações em alguns objetivos previamente escritos e vi a dificuldade de elaborar um objetivo rapidamente, e como uma mesma palavra pode parecer adequada e inadequada por motivos diferentes. Gostei de ter um pouco mais de clareza sobre o desencadeamento de objetivo-método-técnicas-conteúdos.

Minha auto avaliação é de uma boa participação, traduzida pelo conceito A, no sentido de que estive disponível e tenho achado que uma característica fundamental tanto para quem educa quanto para quem é aprendiz é a disponibilidade. Ainda quero fazer mais leituras dentre as diversas sugeridas ao longo da disciplina, mas acredito que isso seja um processo que leva tempo, para ser feito e para ser absorvido. Avaliei a disciplina como uma experiência em que sai sem a segurança da fórmula, mas com a esperança do caminho. Critiquei a estrutura de aula o dia inteiro por ser virtual e acarretar um cansaço extremo. Entre todas as disciplinas que cursei esse ano essa foi a turma com mais cara de turma e penso que grande parte seja pelas dinâmicas de ter começado com a autobiografia, ter tido trabalhos em grupo e pequenos grupos para discussões durante as aulas, bem como o compartilhamento de presentes e de como cada um(a) estava no dia.

Meu grupo se reuniu posteriormente com o Marcos para rediscutirmos nosso projeto e principalmente nossos objetivos. Os comentários foram sobre a má redação para a área educacional, com aspecto de solução de problemas; sobre a gente ter apresentado “métodos” e não “método”, mesmo que seja um com aspectos combinados de outros, que reflita o caminho trilhado pelo curso; sobre a proposta de teoria antes da prática revelar uma incompreensão da práxis e que pedagogicamente é ruim, pois exercitar como a prática emerge nos questionamentos das pessoas possibilita mais reflexões teóricas. Ele sugeriu que explorássemos mais cada prática ao invés de propor muitas e dialogar pouco sobre elas. Também que criássemos uma narrativa para fundamentar o plano de curso. Fizemos um exercício de repensar os objetivos propostos e reescrevê-los. Achei interessante a sutil diferença de mudar algumas palavras e assim demonstrar um outro propósito com o objetivo.

Posteriormente meu grupo se reuniu para discutir sobre os objetivos e sempre tínhamos que lembrar de um propósito educacional e não de formação de técnicos florestais. Enviei as alterações para o Marcos e ele retornou dizendo para namorarmos mais os objetivos e que aparentemente estávamos no caminho.

11/12/2020

O grupo se reuniu novamente e fomos elaborando as partes iniciais do plano de curso. Foi meio complicado o início com atrasos, internet falhando, e o tempo maior para decidir em grupo poucos pontos. Mantivemos os objetivos por achar que transmitem o que pretendemos em termos educacionais, mesmo que a escrita possa não estar ideal. Marcamos novamente uma reunião e combinamos de cada pessoa escrever na introdução algo das leituras que fundamentassem a nossa proposta.

Comecei a ler o livro, que me presenteei, “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” da bell hooks e está sendo um deleite. O início já ressalta a influência e relevância do pensamento de Paulo Freire nas vivências e escritos dela, mas para além disso, é muito animador ler sobre a experiência de uma mulher negra intelectual, ativista e educadora. Volto a sentir a necessidade de me dedicar à educação, o papel de aprendiz é contínuo, e o papel de mediadora para essa liberdade proporcionada pelo processo de aprendizagem me entusiasma. Tive algumas poucas experiências que guardo com carinho e não sei o que o futuro me reserva, mas ter essa atividade como principal ou complementar é uma vontade presente.

14/12/2020

Marcamos mais uma reunião, mas infelizmente foi breve e somente para encaminhamentos por não constar com a presença de todo mundo e pelo ritmo não estar sendo o suficiente para a finalização do plano de curso. A inquietação gerada mais um anseio da minha pesquisa de doutorado (diálogo), me levou a ler o trecho “Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros” do texto da Unesco “Educação: um tesouro a descobrir”. As reflexões sobre a descoberta do outro e a participação em projetos comuns vem a calhar em trabalhos em grupo, se por um lado subentende-se que o grupo já seja formado em prol de um projeto comum, cabe investigar se as visões a respeito disso são comuns e quais as características desses outros que compõe o grupo, e assim tentar estratégias diversas para seu bom funcionamento.

20/12/2020

Felizmente conseguimos nos organizar para finalizar o trabalho em grupo dentro das possibilidades e limites de cada um(a). Para mim o mais importante foi o processo de refletir sobre uma proposta educadora. Ontem estava mexendo em meus papéis de graduação e lembrei de quantos professores ruins eu tive, no sentido de motivação para ensinar, de organização de material e da qualidade mesmo. Nesse processo final li uma parte do livro “Por que fazemos o que fazemos” e acho que tem a ver com o final do ano, pois as reflexões sobre o que fiz e o que pretendo fazer no próximo ano, e nos próximos, ficam mais acentuadas. Rever as outras leituras feitas para a disciplina e também escrever aqui catalisam esse momento de busca de propósito. O Gil em uma *live* disse que aprendeu que nem sempre a transformação passa por nós, mesmo que ela aconteça. Fiquei pensativa sobre isso, muitas vezes acho que eu tenho que “salvar o mundo”, a velha síndrome de heroína vendida por aí. Talvez seja importante lembrar que “o que se leva da vida é a vida que se leva”.